

TELEVISÃO PARA A EDUCAÇÃO

Um Estudo da Recepção do Telecurso 2000

Ernani Ferraz*

>As mudanças ocorridas na sociedade propiciaram um estado de analfabetismo funcional do trabalhador brasileiro. O descaso de governos civis e militares com a educação do país afeta, hoje, a estrutura econômica e social da nação, deixando o trabalhador desqualificado para o novo modelo de mercado de trabalho diante das mudanças tecnológicas. Das diversas modalidades de Tecnologias de Comunicação utilizadas no Campo da Educação, destacamos, neste estudo, o *Telecurso 2000*, buscando, através da elaboração de trabalho de campo, avaliar os possíveis Méritos e Impactos deste programa de ensino a partir de sua Recepção Organizada.

Televisão - Educação - Recepção - Telecurso – Analfabetismo

>The changes that occurred in society, plus the formation of a globalized world and the population's low educational level provided a functional illiteracy state of the Brazilian worker. The disregard of the civil and military administrations concerning the educational system of the country affects, nowadays, the economic as well as the social structure of the nation, making the worker unfit for the new model of work market which involves technological changes. Amongst the several kinds of Communication Technologies used in the Educational Field, we can highlight "Telecurso 2000", a tele-educational program produced by Roberto Marinho Foundation. This study aims to evaluate, through the elaboration of a work field in a small community of Minas Gerais, the possible Merits and Impacts of this educational program based on its Organized Reception.

Television - Education - Reception - Tele-Educational Program - Illiteracy

1. Motivos para o Desenvolvimento da Teleducação

A necessidade de uma maior interação entre dois campos da ciência como é o caso da Comunicação e Educação torna-se inevitável. Pelo lado dos profissionais e produtores de televisão surge uma ampliação do mercado, proporcionando uma maior demanda de materiais teleducativos. Do lado oposto, os pedagogos modernos não devem ou não podem deixar de se apropriar das ferramentas tecnológicas de comunicação para obter um maior rendimento na transmissão de conhecimentos, numa sociedade pós-moderna, que não mais se satisfaz apenas com uma educação formal.

Na tentativa de entender este processo, partimos de três motivos considerados importantes para que se desenvolva ou se utilize de forma mais contundente os dispositivos comunicacionais no sistema de ensino básico, em primeira instância, visto por nós como de urgência imediata, dada a dimensão do analfabetismo funcional da sociedade brasileira¹.

O primeiro motivo diz respeito às mudanças ocorridas na sociedade, na passagem de uma sociedade vista por Michel Foucault² como Sociedade Disciplinar para a Sociedade de Controle, como afirma Gilles Deleuze³. Nossa percepção aponta para um estado de passagem de uma sociedade para outra, onde não deixamos ainda de ser cidadãos da disciplina, nem tão pouco conseguimos até o momento ser de uma Sociedade de Controle. Na primeira, tínhamos as técnicas de confinamento como forma de coerção e de produção do sistema capitalista, como vimos no desenvolvimento das fábricas. Na segunda, as aberturas são possibilitadas e a fábrica é substituída pela empresa que, com seus sistemas de prêmios, impõem uma modulação para cada salário, uma espécie de "metaestabilidade" do sistema.

No âmbito da educação percebemos que a “formação permanente” substitui a escola e o controle contínuo do aluno, com notas cumulativas substitui o exame. No que concerne ao indivíduo, na Sociedade Disciplinar a assinatura se constitui na marca do indivíduo, indicando sua posição na “massa”; na Sociedade de Controle, a assinatura e a identidade são substituídas pelo cartão eletrônico e pela senha, onde a linguagem numérica nos dá ou não acesso ao mundo. Nesse contexto, temos um capitalismo que não se declina mais para a produção de bens mas, sim, para a sobre-produção, na qual fica para o Terceiro Mundo a extração de matéria-prima, a venda de produtos acabados e a montagem de peças destacadas. No capitalismo de sobre-produção vende-se agora serviços por tomada de controle e fixação de cotas numa empresa que só tem gerentes.

Não podemos deixar de levar em conta, neste processo de passagem de um modelo de sociedade para outro, a noção e os efeitos da velocidade enquanto paradigma que atravessa as duas sociedades, sendo o desenvolvimento tecnológico um dos principais fatores de mudanças. Para Paul Virilio⁴, saímos de uma era de tempo extensivo para uma era de tempo intensivo, sob o domínio das telecomunicações que nos podem propiciar um estado de imobilidade, numa inércia domiciliada. Segundo Virilio⁵, a velocidade não se prestaria apenas ao deslocamento, ela serve agora para se ver, para se conceber a realidade dos fatos, trazendo à luz, tanto a duração, quanto o espaço de tempo. Em sua concepção, nas mudanças da sociedade, tivemos o “ser do sujeito”, depois o “ser do objeto” e, agora, temos o “ser do trajeto”. Desta forma, não sendo mais, a extensão e distância, barreiras para o avanço da criatividade humana, temos hoje a rede global que está em todos os lugares, de forma que qualquer lugar contém a todos e cada lugar é o centro e não o é ao mesmo tempo.

O segundo motivo para o desenvolvimento de dispositivos educativos comunicacionais na educação reside na necessidade de se obter alternativas de ensino diante do aparecimento de fenômenos como a globalização ou internacionalização do capital, que parece se tornar um regime de acumulação e dominação financeira do capital. Com o processo de globalização, pode-se perceber uma espécie de concentração monopolista do capital com a fusão e aquisição de grupos empresariais que são absorvidos, reestruturados, reduzidos em seus quadros efetivos e contidos em suas capacidades produtivas, numa concentração de empregos e salários. Segundo Márcio Pochmann⁶, de 1990 a 1997 o Brasil perdeu cerca de 2,5 milhões de postos de trabalho com carteira assinada devido à falta de uma política defensiva dos efeitos da globalização em relação à proteção da produção nacional, e o desemprego se torna o fantasma da globalização. A qualificação se tornou a palavra-chave, a senha para se sobreviver nesse novo mercado de trabalho que, até a década de 70, de cada dez postos de trabalho, oito eram assalariados, sendo apenas um sem registro em carteira. Nos anos 90, a situação se agrava e as duas vagas assalariadas são sem carteira assinada⁷. Emerge um aumento da participação dos trabalhadores mais qualificados em detrimento dos menos qualificados.

O terceiro motivo para dispormos de estratégias e tecnologias de comunicação no âmbito da educação se dá pelo baixo nível educacional do país, onde nenhum sistema de governo, fosse ele civil ou militar, quis até hoje resolver. A noção de empregabilidade se associa à necessidade de uma aprendizagem permanente, numa população de trabalhadores sem o primeiro grau completo, delineando um quadro de analfabetismo funcional do trabalhador brasileiro. Entre os países parceiros do Mercosul, o Brasil, embora seja o maior em termos geográficos e populacionais, é um dos que menos investe em educação, cerca de 27 dólares por habitante, em relação à Argentina com seus 146 dólares de investimento.

Desta forma, quando percebemos que, num país como o Brasil, o Estado deixa nas mãos de empresas, comunidades, associações de moradores e cooperativas a tarefa de educar a sociedade, é que percebemos a real possibilidade de utilização das tecnologias de comunicação na mediação da transmissão de conhecimentos de uma larga parcela de trabalhadores, diante das incertezas de um novo tempo.

Como resultado, o país tem hoje a urgente tarefa de educar um grande contingente de trabalhadores, considerados analfabetos funcionais para que estes possam garantir não somente o seu nível de empregabilidade mas, principalmente, a manutenção de seus empregos.

As empresas nacionais, por sua vez, também buscam participar do mercado globalizado, regido por normas internacionais e parâmetros de qualidade, deixando claro que empresa de primeira não pode ter funcionário de segunda, crescendo substancialmente o número de profissionais desqualificados.

Segundo estudos da ONU, o caso brasileiro se agrava quando num mesmo país se apresentam índices de desenvolvimento humano diferenciados, onde se tem três modelos de “Brasis” distintos:

o primeiro se assemelha aos países do leste europeu e nele se encontram as regiões Sul e Sudeste; o segundo se aproxima dos países latino-americanos e é composto pelas regiões Centro-Oeste e Norte; e, por último, os estados do Nordeste que são semelhantes às regiões da África⁸.

2. Uma Proposta Interdisciplinar

Com base nestes motivos e entendendo a real necessidade de se qualificar o trabalhador brasileiro, partimos do pressuposto de que tecnologias de comunicação, como os meios audiovisuais, podem não somente capacitar o trabalhador brasileiro como acelerar o seu processo de aprendizagem mediante metodologias e estratégias de ensino que se adequem à vida cotidiana deste trabalhador.

Com esta percepção e com uma visão otimista da potencialidade e do aumento da qualidade da televisão nos últimos anos, conforme aponta Arlindo Machado⁹, buscamos verificar se a televisão, tão criticada por sua vertente ideológica e capitalista, poderia se integrar ao ensino de trabalhadores possibilitando sua educação básica.

Das ofertas teleducativas existentes no país, elegeu-se o Telecurso 2000, da Fundação Roberto Marinho, para se observar como se processava essa integração da mídia televisiva com o ensino e se o mesmo funcionaria enquanto programa de ensino básico e, neste sentido, que possíveis Méritos¹⁰ poderiam ser detectados nesta proposta de ensino, e que Impactos¹¹ ele poderia causar em sua recepção.

Numa proposta interdisciplinar de abordagem qualitativa, buscou-se, num trabalho de campo junto à pequena comunidade de Ewbanck da Câmara no interior de Minas Gerais (com cerca de 4000 habitantes), utilizar ferramentas metodológicas pertinentes ao Campo de Comunicação, como os Estudos da Recepção e de Avaliação, do Campo da Educação. Dos três tipos de recepção teleducativa – Livre, Controlada e Organizada – decidiu-se estudar esta última devido a sua interação com o ambiente escolar e sua organização em salas de aula, chamadas Telesalas.

A partir da formulação de questões norteadoras, foram definidos indicadores prévios que, submetidos à confirmação através de pistas e manifestações livres e espontâneas na fala, nos gestos e nos atos dos integrantes do grupo, se constituíram em indicadores. Na coleta de dados buscamos penetrar nos discursos, nos testemunhos, no ambiente e na interação com os atores envolvidos, utilizando entre outras técnicas a observação

participante¹², a entrevista não diretiva¹³ e a discussão em grupo focal¹⁴, pertinentes a uma proposta de abordagem qualitativa.

Entendendo que uma metodologia qualitativa faz emergir o emprego de uma diversidade de instrumentos de coleta de dados, de forma a levantar o máximo de sinais e informações para a constituição de um *corpus* substancial de análise, buscamos utilizar, como técnica de observação, o registro cursivo e a gravação em áudio e vídeo. Esse procedimento veio garantir o enriquecimento e a fidelidade da informação, mantendo sua qualidade e sua posterior verificação para efeito de refinamento, análise e interpretação dos dados. A utilização dessa técnica proporcionou a transparência dos dados, ficando o material disponível para a avaliação de outros pesquisadores que não tiveram oportunidade de ir ao campo e que, por conseguinte, puderam trazer contribuições isentas de possíveis contaminações. O vídeo tornou-se fundamental não apenas na coleta de dados mas, principalmente, na análise, cujo propósito primordial é o de confrontar informações, enxugar dados e eliminar aspectos desnecessários, visando à integração das informações, oriunda de atores diferentes, fontes diversificadas e técnicas variadas.

A Análise de Conteúdo do material coletado seguiu parâmetros de Laurence Bardin¹⁵, definindo-se como Unidade de Contexto as gravações dos grupos focais e como Unidade de Registro a “fala” dos atores envolvidos. Coube, então, a cada “fala” sua inserção em um indicador específico, de acordo com seu grau de pregnância¹⁶, sendo essas unidades agrupadas segundo sua proximidade dos assuntos abordados e submetidas a três procedimentos de classificação, chamados de triangulação¹⁷, que fizeram, por fim, emergir as categorias de análise, representadas nas duas grandes dimensões da pesquisa: da Comunicação e da Educação.

No que concerne aos Méritos do programa na Dimensão Educação, percebe-se que além da transmissão dos conteúdos didáticos a valorização do conhecimento, da família, da comunidade e da oferta teleducativa se tornam presentes. Nos Méritos da Dimensão Comunicação, pudemos destacar a adequação da metodologia ao cotidiano do trabalhador brasileiro, sua flexibilidade de aplicação e a utilização de estratégias de produção na captura da recepção como o uso da ficção na mediação didática.

Com relação aos Impactos do Telecurso e às mudanças ocasionadas na recepção, pudemos verificar, na Dimensão Educação, o crescimento da valorização pessoal nas relações interpessoais e familiares, bem como o afloramento da auto-estima em relação aos estudos, à família e à comunidade. Na Dimensão Comunicação percebemos Impactos e mudanças no que concerne à melhoria da comunicação interpessoal e na reflexão crítica em relação à comunicação e à política nacional, bem como o surgimento de formas diversificadas de uso das mensagens da mídia impressa e televisiva.

3. Méritos: Dimensão Educação

As evidências de Mérito do Telecurso 2000 na Dimensão Educação apontam para as categorias **Compromisso** e **Valorização da Oferta**. Na primeira, destacam-se como indicadores o empenho do Orientador de Aprendizagem, o compromisso da prefeitura para “oportunizar” os estudos para a população e, por fim, o apoio da comunidade para a causa educacional local. Destacamos, a título de ilustração e por uma questão de espaço, apenas um depoimento do indicador **Compromisso do Orientador de Aprendizagem**, pelo seu importante papel de mediador entre a tecnologia, os alunos e os conteúdos veiculados:

Mas eu procuro correr atrás e conversar mesmo. Acho que é o que eu posso fazer, oferecer o quê? Só mesmo uma visão de um futuro melhor (...) Então, é assim, eu quero que venham sim. Corro atrás, peço, converso, explico, procuro mostrar. É um

público que também não é mais criancinha. (...) É mostrar mesmo a necessidade de um futuro melhor. Mas eu falo muito nessa questão, quer vir, vem e seja bem vindo. (F1 – 0.25'.10" – M6)

Na segunda categoria, **Valorização da Oferta**, percebemos o valor dado aos estudos, ao Orientador de Aprendizagem e à oferta teleducativa Telecurso 2000.

Destacamos, aqui, um depoimento do indicador **Valor do Telecurso**:

O TC, hoje em dia, está sendo praticamente uma arma para o cidadão futuramente combater a crise. Sem estudo, ninguém chega a nada. Porque, contra esses cabeções de lá, não tem como. Então, o TC está nos ensinando como combater para uma certa fome mais tarde. Porque, sem estudo você não vai prá frente mesmo. Até mesmo porque enquanto existirem pessoas maiores que a gente, até mesmo, não sei como explicar, só sei dizer que o fundamento maior aí, é encarar mesmo o TC e seguir em frente. Não tem como, se não pegar essa arma que a gente estamos tudo aí. (F4 – 1.45'.30" – H1)

4. Méritos: Dimensão Comunicação

As evidências de Mérito detectadas apontaram na Dimensão Comunicação para as categorias: **Estratégias da Produção e Estratégias da Recepção**. Na primeira, encontramos como indicadores: a flexibilidade da metodologia aplicada em relação ao cotidiano do trabalhador de baixa renda, o uso da ficção como mediadora dos conteúdos didáticos, e, por fim, da facilidade do vídeo em relação ao manuseio, visibilidade do que é apresentado e retenção na memória do conteúdo tratado. Destacamos um exemplo mais significativo de cada indicador:

Você tem que estar qualificado na firma, é a facilidade do TC. Porque, sem ele também, você começar lá de baixo, estudar 4 anos, pela idade que a gente já está fica bem difícil. Agora, pelo TC não, como a gente já está aí com 1 ano e 8 meses, 1 ano e 6 meses, quer dizer, já conseguimos o 1º grau praticamente. (F4 – 1.07'.55" – H2)

Mas de repente até pelo cotidiano que a gente leva, porque se fosse uma coisa muito diferente, de repente até dispersaria. Mas, como tem aquela trama, aquela situação do incêndio, aquela situação do roubo. Então são coisas que estão muito dentro da realidade, de novela, do dia-a-dia e tudo e, que eu acho que ajuda bastante. Há uma semelhança muito grande. E o que é a novela? São pessoas que se colocam nas posições de más e de boas, e tudo. Tem pessoas que se identificam com aquelas pessoas também. Então, eu acredito que seja a questão do cotidiano, do dia-a-dia, de estar se refletindo naquelas imagens.

(F1 – 1.13'.00" – M6)

O vídeo mostra mais como é que acontece. Por exemplo, a gente estudando ciência sobre clorofila, essas coisas, sobre a folha. Mostra tudo como é feita a respiração. Então, o vídeo mostra detalhe, coisa que o livro não mostra. O livro só fica aquele desenho ali. O vídeo não. No vídeo mostra como é feito. Então, é mais fácil da gente lembrar. (F3 – 0.37'.13" – H3)

Na segunda categoria, **Estratégias da Recepção**, ficaram ressaltadas as estratégias: do Orientador de Aprendizagem, para facilitar a aquisição de conhecimentos; do Aluno, na forma de estudar; e, por fim, os desdobramentos ocasionados com o uso do conhecimento adquirido no universo do trabalho, como podemos ver nos depoimentos de cada indicador:

Eu acho que, olha só, eu estou pensando, só o vídeo, mais a explicação, mais eu, mais eles, só, tipo assim, aplicado em qualquer lugar pura e simplesmente, eu acho que não vai funcionar não. O que funciona sempre é trazer o vídeo, mais a explicação para dentro de cada realidade. Então, tipo assim, não adianta muito aquela aula bonita de Ciências ou de Matemática mesmo, se não tiver uma aplicabilidade aqui, dentro do

universo deles. Então, o que resolve, o que completa é tudo isso, aplicado na realidade de cada um. (F1 – 1.29'.17" – M6)

O mais certo da gente pegar o livro prá estudar, é não ficar preocupado em decorar, mesmo que a pessoa vai decorar tudo. Você lê o livro assim, vai vendo as matérias. Amanhã, quando você tiver com a cabeça mais fresca, na hora de fazer as provas, aquilo vem refletindo aos poucos o que você estudou (...) eu acho que é a gente lendo o livro sem o compromisso de amanhã chegar, fazer a prova e acertar. (F3 – 0.45'.31" – H1)

A minha profissão mexe muito com medidas e essas coisas. E eu não tinha muita teoria, tinha mais prática. Agora, hoje em dia, eu faço as coisas e entendo mais da teoria. Através do TC aprendi mais da Matemática, área e essas coisas. E, sem dúvida, cada vez mais vai melhorar. (F4- 0.34'.40" – H2)

5. Impactos: Dimensão Educação

Em relação aos Impactos do Telecurso 2000, na Dimensão Educação, destacamos evidências que nos levaram às categorias: **Valorização Pessoal**, onde percebemos nesta recepção o aumento de sua auto-estima nas relações externas e familiares; **Conscientização**, de sua necessidade de mudar de vida e dar continuidade nos estudos; e, por fim, as **Considerações do Campo**, onde emergem as diversidades, dificuldades e necessidades da clientela. Dado o grande número de indicadores destas categorias, gostaria de poder sintetizá-las ressaltando algumas das mais significativas.

Neste sentido, em relação à **Valorização Pessoal**, além do aumento da auto-estima nas relações sociais e no ambiente de trabalho, vale destacar um depoimento do indicador **Auto-Estima e Família**:

Eu quero apenas aprender melhor para quando meu filho me perguntar alguma coisa, eu conseguir pelo menos entender o que ele está perguntando. (F1 – 0.42'.33" – M6)

Na categoria **Conscientização**, além da força de vontade, gosto pelo estudo e busca de conhecimento, destacamos um exemplo do indicador **Continuidade dos Estudos**, por demonstrar a mudança de perspectiva e de objetivos destes receptores:

Aí, quando apareceu essa oportunidade, eu aproveitei e estou aqui. Até hoje eu tenho vontade. A minha maior vontade é de ser arquiteta. Não sei se vou chegar até lá, quem sabe, né? Eu pretendo acabar, fazer o 2º grau se tiver, fazer e se tiver oportunidade, fazer o 2º grau e chegar à faculdade, se Deus me ajudar. (F4 – 0.12'.00" – M2)

Na categoria **Considerações do Campo**, além das dificuldades de desenvolvimento local e da clientela por falta de capacitação, vale ressaltar um indicador que evidencia as dificuldades protocolares de aprendizado da matemática através do vídeo, não apenas pelo poder de abstração que a matéria solicita mas, em especial, pela rapidez com que é passado o vídeo, como podemos ver na afirmação:

Pelo vídeo só, eu não tinha aprendido nada. Foi mais pelo livro e o professor clareando. Porque a Matemática tem que ter um raciocínio mais lento. Você tem que pensar bem. Não dá tempo, no vídeo não dá. (F4 - 0.42'. 25" – M1)

6. Impactos: Dimensão Comunicação

Na Dimensão Comunicação, os Impactos do Telecurso detectados nos relatos verbais apontam para as categorias: **Melhora da Comunicação, Reflexão Crítica em Relação à Mídia e Formas de Uso das mensagens veiculadas**. Na primeira categoria, além da melhora da comunicação pessoal, destacamos, aqui, um exemplo no ambiente de trabalho e na relação familiar:

Prá mim, esse curso que a gente está fazendo aqui já melhorou assim, em algumas coisas. Como meio de comunicar, como meio de escrever a parte de Português, porque eu sou segurança e toda vez que eu vou assumir o posto eu tinha que registrar a

ocorrência, com alteração ou sem alteração, tem que registrar. Então, quando há alteração na área de serviço, tem que registrar para o superior que é o chefe lá, tem que tomar conhecimento dela. Tem que saber como é que você vai escrever o que é que vai colocar ali. Porque por um simples erro, você pode botar tudo a perder. Pode ir para outras pessoas diferentes que a gente não sabe. Isso aí, me tirou um pouco daquela dificuldade que eu tinha de relatar. Então, nessa parte até me ajudou.

(F5 - 0.03'.06" – H1)

O relacionamento em casa também, até com a família da gente mudou muito bem, graças a Deus, em relação ao que era antes e hoje, com estudo, eu vejo que não é bem assim do jeito que eu via as coisas. Aí, hoje, tenho mais paciência até com os filhos. Assim, educar assim, converso, entendeu? (...) de falar em vez de gritar, que não resolve, mais na base do diálogo. Falando baixo, fica mais fácil deles entenderem e a gente passa menos raiva né? E eles também. (F7 - 0.19'.42" – H2)

Em relação à **Reflexão Crítica em Relação à Comunicação**, encontramos evidências que apontam para a formação de um senso crítico em relação à mídia em geral, a televisão, destacando um trecho de um debate entre os entrevistados sobre a TV Globo dar notícias pela metade ou não, da política, de um modo geral, e, em especial, deles próprios enquanto receptores:

É uma pena que a gente vê assim, no jornal é muita mentira. Assim, umas notícias que deixam a gente chateada. Fala uma coisa e quando você vai ver não é nada daquilo, né. Eu penso assim, sabe, acho que eles mentem um pouco. Cada um quer contar de um jeito. Aí, quando você vai juntando, você vai descobrindo que não é assim desse jeito, é diferente. O jornal fala uma coisa, a televisão fala outra, as revistas também, né, porque tem a Veja, que também dá muitas notícias boas e más. (...) Você vê que aquele falou daquele jeito e esse está falando desse, quem está falando a verdade. (F4 - 0.23'.30" – M2)

Prá mim, a TV Globo é a melhor que tem. Só que informa tudo pela metade (...) assim, aconteceu um negócio ali, ou eles aumentam ou diminui, a Globo é assim. O SBT já mostra tudo que aconteceu e pega tudo na hora. Tudo que aconteceu lá, o SBT mostra, a Globo não. (F3 - 1.01'.58" – H9)

O Jornal Nacional, eu acho bom. Dá muita notícia. Outra vez, que você teve aí, eles falaram que não gostam porque só dá a notícia pela metade. Mas tem que ser pela metade para dar espaço para outras notícias. Vai falar o tempo inteiro sobre uma mesma notícia, vai falar o tempo inteiro só daquilo? Então, eu acho que o Jornal Nacional é bom. (F4 - 1.26'.30" – H3)

Quanto a TV dar prioridade à política, eu acho uma coisa certa. Porque, se a gente elegeu o político, a gente quer saber o que ele está fazendo (...) porque se com a TV em cima, eles já roubam, imagina se não tem notícia nenhuma de política, onde a gente estaria hoje? (F3 - 1.19'.30" – H3)

Quando o Brasil tiver uma cultura, né, todos tiver o primeiro grau pelo menos. Quer dizer, um país com mais cultura não vai querer ver aquele tipo de programa. Se não vai ver, eles vão mudar. Porque, eles não vão mudar enquanto o povo não exigir essa mudança. O Roberto Marinho é um homem culto, então fica essa briga entre eles. Eles vão brigar, mas não é que vamos mudar, porque nós consegue mudar esse programa. O povo não vai ligar naquele programa. Eles vão ser obrigados a fazer um outro tipo de programa. (...) Quer dizer, o dia em que o país mudar, estiver assim, vai mudar os programas de televisão, porque nós não vamos ver e vai mudar. Mas, enquanto a gente está lá vendo isso tudo, nós estamos falando mal, eles vão continuar passando, ganhando Ibope. (F2 - 0.53'.10" – M1)

Por fim, na categoria **Formas de Uso**, na Dimensão Comunicação, encontramos indicadores de **Usos da Informação**, demonstrando a necessidade de se manterem atualizados, de compararem diversas mídias e ampliarem a busca de outras leituras:

E veio com o estudo sim. Porque, antes eu não ficava assim, novela, jornal, chegava na hora do jornal eu ia lá e desligava. Ia arrumar a cozinha. E agora, não. Qualquer coisa, igual está falando alguma coisa, né, assim, aconteceu alguma coisa, aí, eu vou lá e aumento e fico prestando atenção e não quero nem que ninguém fale do meu lado. Toda hora que fala aquilo, eu tenho que estar ali ouvindo, que é prá ver onde é que está a verdade, no rádio, na televisão. (F4 - 0.25'.10" – M2)

No indicador de **Usos da Televisão**, desta mesma categoria, dentre as diversas evidências encontradas, destacamos o depoimento de uma entrevistada de 78 anos, que utiliza o Programa Show do Milhão do SBT como forma de testar seus conhecimentos. Destacamos também um depoimento que demonstra a importância vista na televisão para incitar discussões e debates em sala de aula:

No Show do Milhão, a gente aprende. A gente vai testando o conhecimento da gente. Antes de responder alguém, a gente já vai respondendo. Ah, é isso mesmo, ah, não é! Então, a gente vai aprendendo, é como se fosse uma aula. A gente aprende (...) Eu acho que pelo menos está ensinando alguma coisa boa. (F4 - 1.23'.22" – M1)

Eu quase não preciso assistir mais o jornal. Eles todo dia, ah você assistiu o jornal hoje, você assistiu o Fantástico, assistiu isso? Então é aquela necessidade de estar presente (...) a necessidade mesmo de estar fazendo parte mesmo, de estar assistindo a um jornal, de ter opinião própria deles. (...) Hoje em dia, são elas sabe, que estão querendo participar, prestar atenção e chegam para contar, tipo assim, cada dia um quer falar o que assistiu. Outras vezes, é aula de Ciências ou de Geografia, falam lá na Tchecoslováquia, lá na Rússia e aquela necessidade de falar, você assistiu o jornal ontem, falar daquela aula que nós assistimos. Estão mais presentes até mesmo no mundo lá fora, trazendo para cá, fazendo comparações. (F1 - 0.36'.00" – M6)

7. Conclusões

Vale ressaltar que a proposta desta pesquisa não se empenhou em criticar ou exaltar a oferta teleducativa Telecurso 2000, da Fundação Roberto Marinho, mesmo entendendo a desconfiança de alguns segmentos de sua eficiência e objetivos educacionais. Buscamos apenas entender a relação estabelecida entre o Telecurso 2000 e sua recepção, mensurando possíveis Méritos e Impactos ocasionados nos alunos.

Verificou-se o Telecurso 2000 como sendo um programa integrado que propõe em sua interface metodológica a conjugação de ferramentas diversificadas, dentre elas: o vídeo, que através dos gêneros ficcional e jornalístico ilustram os conteúdos e mantêm a atenção do receptor; do livro, que complementa e aprofunda o tema; mapas e dicionários para consultas; exercícios para fixação; e, por fim, o Orientador de Aprendizagem, que tem uma atuação preponderante como mestre, amigo e conselheiro, além de sua importante mediação entre os alunos, a tecnologia televisiva e os conteúdos educacionais.

Percebeu-se que os propósitos, objetivos e metodologias do Telecurso 2000 se adaptam ao cotidiano do trabalhador brasileiro possibilitando sua formação e certificação junto às Secretarias Estaduais de Educação. Evidentemente, tal como qualquer "ferramenta" utilizada no ensino, o Telecurso 2000 merece acertos e reformulações em suas estratégias de ação como foi percebido na disciplina de matemática, em que o vídeo é considerado pelos usuários como sendo rápido demais para se acompanhar, embora tenha se percebido, também, que o fato de se possibilitar o ensino básico para uma grande

“massa” de trabalhadores brasileiros, desqualificados em seu analfabetismo funcional, como faz este programa e outros similares no país, seja considerado uma iniciativa importante e, portanto, que deva ser incentivada.

As mudanças ocorridas na vida do trabalhador a partir do ensino possibilitaram não apenas uma melhoria nas relações com o mundo do trabalho, mas também em sua vida familiar e comunitária, assim como, o aumento da sua auto-estima e seu senso crítico em relação à mídia e o universo que o cerca.

Assim, percebemos, num contexto mais amplo, que o educador do futuro que não se envolver com dispositivos e técnicas midiáticas na transmissão de conhecimento poderá sucumbir na dificuldade de comunicar com clareza e rapidez seu enunciado pedagógico. No extremo oposto, temos os profissionais e acadêmicos de comunicação que estarão perdendo ou deixando de contribuir para um novo e amplo mercado de produções educativas, tão sedutor como o ficcional das telenovelas e tão importante quanto a transmissão noticiosa.

Por fim, o uso racional das tecnologias de comunicação no ensino possibilita mudanças contundentes na sociedade e em sua forma de se relacionar com a mídia, cabendo a todos melhor utilizá-la.

Notas

* Professor adjunto da FACOM/UFJF.

1. Este artigo é parte da pesquisa para doutoramento em Comunicação pela ECO - Escola de Comunicação da UFRJ, tendo a CAPES/PAPED/MEC apoiado financeiramente o trabalho de campo (FERRAZ, Ernani Almeida. *Teleducação Para o Trabalhador Brasileiro: um estudo da recepção teleducativa*. Tese, ECO/UFRJ, 2001).
2. FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. 14ª ed., Vozes, Petrópolis, 1996.
3. DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução: Peter Pál Pelbart. Editora 34, Rio de Janeiro, 1992.
4. VIRILIO, Paul. *A Inércia Polar*. Tradução: Ana Luisa Faria, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1993.
5. _____. *A Máquina de Visão*. Tradução Paulo Roberto Pires, José Olímpio Editora, Rio de Janeiro, 1994.
6. POCHMANN, Márcio. Como a Globalização Afeta Seu Emprego. *Folha de São Paulo*. Caderno Sua Vez, 2/8/98, p.6-14.
7. ROSSI, Clóvis. O Colapso do Trabalho. *Folha de São Paulo*. Caderno Especial, 1/5/98, p.2.
8. SANTOS, Carla Aparecida dos. Os Desafios da Integração, In: *Revista Extraprensa*. Centro de Estudos Latino-Americano sobre Cultura e Comunicação, Escola de Comunicação e Artes, USP, São Paulo, Nº. 5, 1998, p.21.
9. MACHADO, Arlindo. *A Televisão Levada a Sério*. SENAC, São Paulo, 2000.
10. Entendemos Mérito enquanto qualidade interna do programa de ensino em seu aspecto intrínseco.
11. Entendemos por Impacto as mudanças e o significado dos esforços empreendidos por seus atores sociais, tendo um valor extrínseco e contextual.
12. Para melhor entendimento sobre a técnica de observação participante, ver Spradley, 1980; Penna Firme, Tijiboy & Stone, 1987; Woods, 1989; Maykut & Morehouse, 1994, entre outros.

13. THIOLENT, Michel. *Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária*. Ed. Polis, São Paulo, 1987, p.79-127.

14. A técnica de grupo focal tem suas origens na Psicologia, sendo muito bem utilizada pelos acadêmicos de Educação e, principalmente, na avaliação, onde em nosso estudo específico sua aplicação consistiu em entrevistas de grupo com cerca de oito a doze participantes dos diversos segmentos envolvidos no processo, sendo conduzida por um pesquisador/moderador que ao dialogar, em tom de conversa, lançou as propostas em discussão e buscou levantar dados e informações a partir da interação dinâmica dos participantes. É uma técnica muito interessante pela possibilidade de interação e/ou confrontamentos de idéias dos diversos segmentos envolvidos no referido processo.

15. BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Edições 70, Lisboa, 1977, p.95-223.

16. SOUZA FILHO, E. Análise das Representações Sociais. In: SPINK, M. J. (org.). *O conhecimento no cotidiano. As representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1995, p.109-145.

17. Entendemos triangulação como etapas onde ocorrem: confrontamentos das informações do campo; enxugamento de dados; eliminação de aspectos desnecessários; e redefinição de indicadores.

Anexo

Categorização

Dimensão Educação

I - Mérito

1 - Compromisso:

- . Do Orientador de Aprendizagem (OA)
- . Da Prefeitura
- . Da Comunidade

2 - Valorização da Oferta:

- . Dos Estudos
- . Do Orientador de Aprendizagem
- . Do Telecurso 2000

II - Impacto

1 - Valorização Pessoal:

- . Auto-Estima e Comunicação Interpessoal
- . Auto-Estima e Família
- . Auto-Estima e Estudos

2 - Conscientização:

- . Vida em Comunidade
- . Gosto pelo Estudo
- . Busca de Conhecimento
- . Continuidade nos Estudos
- . Força de Vontade
- . Relação Estudo e Família
- . Senso Crítico em Relação à Educação

3 - Considerações do Campo:

- . Desenvolvimento Local
- . Dificuldades da Prefeitura

- . Dificuldades do Aluno
- . Necessidade de Capacitação Profissional
- . Diversidade da Clientela
- . Necessidade da Relação Aluno/Professor
- . Uso do Vídeo - Dificuldades
- . Necessidade de Oportunidade
- . Sugestões do Campo
- . Interferência da Equipe no Campo

Dimensão Comunicação

I - Mérito

1 - Estratégia da Produção:

- . Flexibilidade
- . Uso da Ficção
- . Uso do Vídeo - Facilidade

2 - Estratégia da Recepção:

- . Do Orientador de Aprendizagem
- . Do Aluno
- . Desdobramento do Conhecimento

II - Impacto

1 - Melhoria da Comunicação:

- . Pessoal
- . No Trabalho
- . Na Família

2 - Reflexão Crítica:

- . Em relação à Mídia
- . Em relação à Recepção
- . Em relação à Política
- . Em relação à Tecnologia
- . Em relação à Televisão

3 - Formas de Uso:

- . Uso da Informação
- . Uso da Televisão